

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 3 Setembro - Dezembro 2026

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: “ARQUEOLOGIA DE GRUPOS CAÇADORES-COLETORES NO BRASIL”

Leticia Cristina Correa*, Astolfo Gomes de Mello Araujo**, João Carlos Moreno***

As pesquisas sobre a arqueologia dos povos originários são desenvolvidas no Brasil há, no mínimo, 70 anos se considerarmos o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa) como um marco do início da profissionalização do campo. Certamente, esse período pode ser antecedido considerando a localização de achados fortuitos por indivíduos que constituíram coleções particulares ou as doaram para instituições de salvaguarda. Adicionalmente, podemos considerar as pesquisas no âmbito do licenciamento ambiental como um outro caminho responsável pela expansão do conhecimento arqueológico. Estes dois últimos, embora muito relevantes, tendem a contribuir mais para a formação do conhecimento local, sem alcançar a comunidade científica.

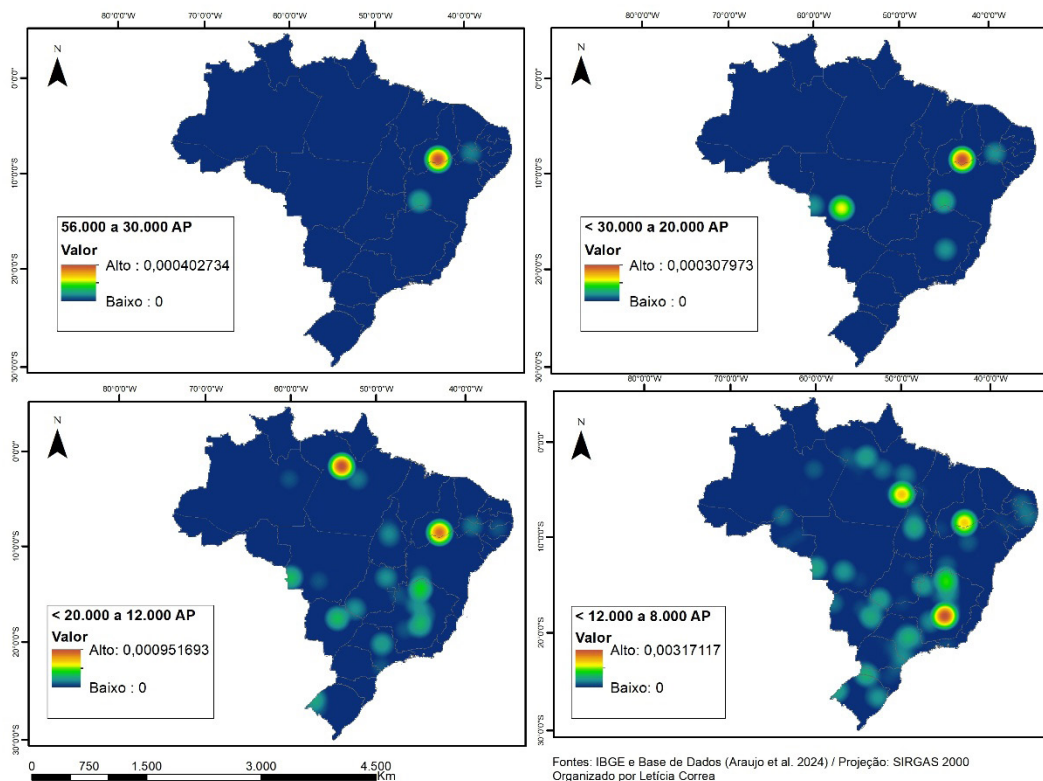
O território brasileiro apresenta 41.597 sítios cadastrados e reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional - IPHAN (IPHAN, 2022). Ainda que extremamente valioso, o banco de dados do Iphan não permite filtrar, na categoria “pré-colonial”, os sítios classificados genericamente como “caçadores-coletores”, “líticos” ou quaisquer outras descrições que representariam as ocupações mais antigas que este dossiê se propõe a discutir. Sabemos que cerca de 10% desse total apresenta cronologia definida (Correa 2022; Araujo *et al.*, 2024, 2025), evidenciando a presença indígena desde o Pleistoceno final e em diversas regiões do país (Figura 1).

* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Pós-doutoranda em Sistemas Complexos na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. E-mail: leticiacorreia@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5059-3359>.

** Professor Livre Docente no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. E-mail: astwolfo@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0349-1226>.

*** Professor Adjunto de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Pré-História Evolutiva e Experimental (LAPEEX-FURG). Coordenador da Reserva Técnica de Arqueologia LEPAN, FURG. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná (PPGAA-UFPR). E-mail: jcmoreno@furg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7269-0838>.

Figura 1. Mapa de Densidade Kernel dos sítios arqueológicos datados entre o Pleistoceno final e Holoceno inicial. Os sítios mais antigos apresentam ocupações pontuais e continuam em períodos posteriores. A partir dos 20.000 cal AP, a densidade populacional aumenta e passa a abranger praticamente todo o Brasil.



Fonte: Base de Dados do IBGE e Araujo *et al.* (2024). Organizado por Leticia Correa.

As ocupações humanas mais antigas, datadas entre 56.000 e 30.000 AP, aparecem pontualmente nos estados do Piauí, Bahia e Pernambuco. A região Nordeste destaca-se por ocupações que perduram ao longo de todo o período, se estendendo para o Holoceno. Quando consideramos o período de 30.000 a 20.000 AP, ainda temos ocupações bastante restritas geograficamente, com destaque para a região Centro-Oeste, representada pelos sítios no Mato Grosso do Sul. Em um momento um pouco mais recente, tem-se início as primeiras ocupações no Sudeste, no estado de Minas Gerais.

Ao final do Pleistoceno, a dinâmica populacional é expressivamente maior e apresenta ocupações em praticamente todas as regiões do Brasil. Esse período provavelmente marca um aumento significativo de visibilidade arqueológica. Entre 20.000 e 12.000 AP, o foco mais intenso está no Pará; ainda assim, boa parte das datas nesse período são encontradas no Centro-Oeste e, de modo mais recorrente, no Sudeste. A densidade mais baixa de sítios nesse período é encontrada no sul.

Entre 12.000 e 8.000 AP, parece haver um aumento populacional considerável. Essa maior dispersão de sítios em todas as áreas também pode refletir processos tafonômicos que afetam a preservação e a identificação dos sítios arqueológicos mais recentes, quando comparados aos mais antigos (Araujo, 2013). O Holoceno inicial apresenta uma maior distribuição dos sítios em quase todas as regiões, com exceção da Amazônia; o Sudeste e o Centro-Oeste são as regiões de maior destaque.

Essas ocupações se deram em ecossistemas distintos, nos quais as estratégias de subsistência foram desenvolvidas e normas culturais mantidas ao longo de milhares

de anos em sítios que chegam a datar até o Holoceno final. Ainda que mudanças ocorressem ao longo do tempo, traços diagnósticos foram preservados, permitindo identificar grupos específicos. Nessa perspectiva, os conceitos de Tradição e Fase, apesar de seus muitos problemas, delimitaram um panorama que, até hoje, é ponto de partida para o desenvolvimento de novas hipóteses (Araujo; Okumura, 2021; Moreno de Sousa, 2023; Moreno de Sousa; Okumura, 2018, 2020). Dentro desse panorama, o estado de São Paulo destaca-se como uma de nossas áreas foco.

Ao longo de mais de meio século de pesquisas, o registro atual do estado de São Paulo soma, atualmente, 2.083 sítios indígenas (Correa 2022¹; Araujo *et al.*, 2026²), dos quais 1.066 são classificados como “líticos”. Ao leste e ao sul, 217 representam ocupações caracterizadas por sambaquis costeiros e fluviais. No interior, a distinção entre os grupos é realizada a partir da identificação de artefatos diagnósticos, o que resulta em ao menos cinco grupos distintos, com ocupações que datam desde o Holoceno inicial (Cheliz *et al.*, 2021; 2023, 2024; Cheliz; Moreno de Sousa; Correa, 2022; Correa, 2022). A Figura 2³ mostra as delimitações denominadas como “fronteiras culturais” que compreendem os municípios onde sabemos que as pontas podem ser consideradas como manifestações distintas. Até o momento, a limitação nomeada como “São Simão” mostra uma manifestação única onde os artefatos compreendem achados de superfície por moradores locais, em município homônimo. Ao leste, destaca-se o sítio Carcará, em São José dos Campos, que possivelmente tem uma relação com o sul de Minas Gerais (Correa; Moreno de Sousa; Araujo, 2023).

Pesquisas recentes, apresentadas nesse dossiê, ainda sugerem uma possível conexão com o sul do Rio de Janeiro. No Vale do Ribeira, a área delimitada abrange sítios teoricamente classificados como Tradição Umbu. Ressaltamos que essa vinculação tem sido amplamente questionada e revisões recentes destacam a necessidade de se evitar essa associação, dado o fato de que os dados sugerem tratar-se de uma manifestação distinta. No centro, a delimitação da Indústria Rioclarense se destaca com uma possível dispersão até a porção norte. Note ainda a sobreposição dessa manifestação ao sul, em áreas que teoricamente seriam Umbu.

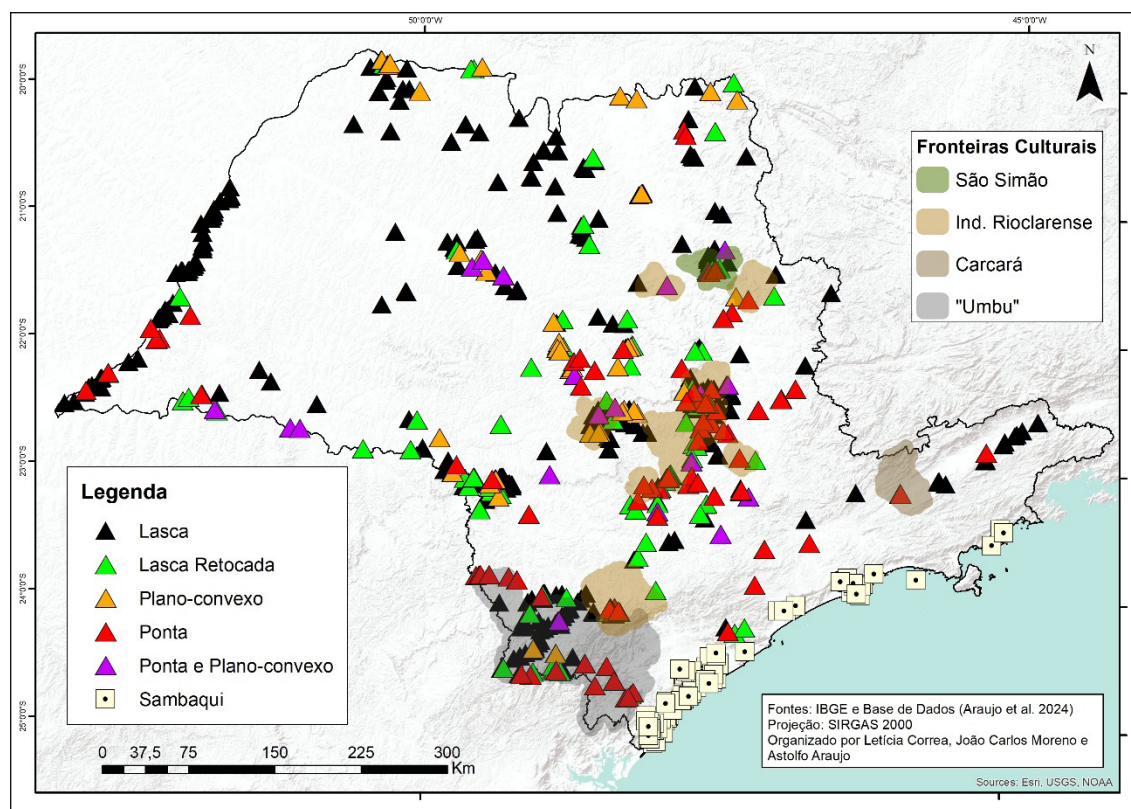
Revisões a partir de estudos tecnológicos e morfológicos de pontas líticas propõem um fenômeno exclusivo na porção centro-leste, denominado como Indústria Rioclarense (Cheliz *et al.*, 2023; Correa *et al.*, 2024; Moreno de Sousa; Okumura, 2020; Moreno de Sousa, 2023; Okumura; Araujo, 2015, 2017;).

Artefatos unifaciais, conhecidos como “lesmas” ou “plano-convexos”, têm uma expressão significativa e compõem, em parte, coleções nas quais as pontas estão presentes. Cautelosamente, não são associados à Tradição Itaparica, ao menos até que as evidências permitam confirmar qualquer relação, principalmente em contextos em que o lascamento unifacial é predominante. Ressalta-se que a debitage laminar, incomum no contexto brasileiro, apresenta ocorrência rara no interior paulista (Batalla; Correa; Araujo, 2018, 2019).

¹ Disponível em: <https://sitiosliticos-sp.web.app/>. Acesso em: 14 set. 2026.

² Disponível em: <https://sites.usp.br/levoc/mapa-interativo-sitios-sp/>. Acesso em: 14 set. 2026.

³ O banco de dados é continuamente abastecido e atualizado, portanto estes números estão sujeitos a revisões à medida que novas informações são inseridas. Disponível em: <https://zenodo.org/records/11116507>. Acesso em: 14 set. 2026.

Figura 2. Mapa de sítios líticos identificados no estado de São Paulo.

Fonte: Dados obtidos no IBGE, Correa & Araujo, Araujo *et al.* 2024. Organizado pelos autores.

Diante dos diferentes desafios explanatórios, os esforços de sínteses e os bancos de dados fomentam novos pontos de partida. É a partir desse cenário que propomos este dossiê, intitulado “Arqueologia de Grupos Caçadores-Coletores no Brasil”, com o objetivo de reunir pesquisas que discutam a ocupação de grupos caçadores, pescadores e coletores em todo o território nacional e em diferentes escalas temporais. Nosso foco reside na integração de perspectivas do estudo da cultura material, contribuindo para o conhecimento sobre a ocupação e a dinâmica desses grupos no Brasil. Este volume reúne um conjunto de textos que dialogam com os objetivos propostos nessa edição.

O estudo de caso na região Nordeste, de Anne Caroline Barbosa dos Passos, Kayann Gomes Batista, Anne Noemi França Miranda, Luiz Carlos Medeiros da Rocha e Daniela Cisneiros apresenta resultados sobre indústrias líticas coletadas em sítios considerados perturbados, com solos rasos, ou em superfície, no Rio Grande do Norte. A análise de material coletado em cenários aparentemente desfavoráveis contribui significativamente para o conhecimento arqueológico, especialmente em áreas de conhecimento incipiente. Ao longo da bacia hidrográfica do Rio Piancó-Piranhas-Açu, encontram-se o sítio Cuó, os sítios que compõem um conjunto denominado como Oiticica (17 a 22) e o Pendências II este último apresenta uma discreta ocorrência de material cerâmico, que é entendida como uma situação de palimpsesto. A comparação entre os conjuntos mostra uma diversidade de matéria-prima que sugere ser resultado de fatores geológicos e de aspectos técnicos do lascamento. Os sítios mais próximos, como Cuó e Pendências II, apresentam artefatos mais similares entre si, possuem maior grau de refinamento tecnológico e resultam em instrumentos do tipo plano-convexos, algo não evidenciado nos locais identificados como Oiticica, onde os seixos mantêm sua forma original, com retiradas nos bordos para obtenção de gumes.

No artigo de Leandro Surya, David Eleutério, Claudia Caro, Paulo José Pereira, Diego Sotomayor, Jaciara Andrade Silva e André Bandeira, o Nordeste é representado por pesquisas em Arqueologia Ambiental e dedicadas à compreensão da transformação da paisagem, o impacto das mudanças climáticas na ocupação humana e a preservação de sítios arqueológicos no Piauí. O acervo gráfico e pictórico do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca configura-se como um estudo de caso, em que se investiga como os efeitos dos diversos elementos climáticos podem impactar o registro arqueológico. Essa abordagem transdisciplinar ressalta a importância de fortalecer o diálogo entre políticas públicas e estratégias de preservação do patrimônio. O estado do Piauí possui ocupações humanas milenares e se constitui como um dos estados mais relevantes, tanto na arqueologia brasileira quanto internacional e o estudo apresentado transcende o caráter local, reforçando a necessidade desse cuidado em escala muito mais ampla.

Luzia Maria de Sousa Carvalho Policarpo, Olívia Alexandre de Carvalho, Benedito Batista Farias Filho e Jorge Ezra Cruz Palma discutem modos de subsistência a partir de estudos isotópicos de amostras coletadas em remanescentes humanos dos sítios Furna do Estrago (PE), Barra (PB) e Toca da Baixa dos Caboclos (PI), datados do Holoceno final. Os resultados também consideraram dados arqueobotânicos e zooarqueológicos, sugerindo que os sítios Furna do Estrago e Barra apresentam mais similaridades entre si, enquanto os grupos que habitavam a Toca da Baixa dos Caboclos consumiam proporcionalmente mais recursos. No entanto, ainda que exista uma diversidade ecológica, dada a distinta localização dos sítios, os autores sugerem que existe uma combinação similar entre caça, coleta e manejo de recursos vegetais, nos quais as populações se valem de recursos específicos a cada contexto.

No Sudeste, o artigo de Diego Chermant Emmerich, Anderson Marques Garcia e MaDu Gaspar discute a presença de pontas bifaciais nos sítios Ponte de Laranjeiras 1 e Ponte de Laranjeiras 2, além de uma potencial área de extração de matéria-prima e ocorrências esparsas, localizados na porção fluminense do Vale do Paraíba do Sul (RJ). Tal estudo apresenta dados inéditos para a área e discute uma possível relação entre as ocupações no leste de São Paulo e no sul de Minas Gerais. Os autores sugerem que tais instrumentos poderiam ter sido utilizados para caça, que possivelmente ocorreu no começo do Holoceno inicial ou ainda no final do Pleistoceno, revelando uma área com potencial para identificação de sítios líticos com artefatos bifaciais.

Ainda no estado do Rio de Janeiro, a análise da ictiofauna no Sambaqui de Camboinhas, na região costeira de Itaipu, de Elis Barroso, Anderson Marques Garcia, Camila Cupello e Michelle Tizuka evidencia estratégias em zonas de ecótono entre estuarino e lagunar durante o início do Holoceno médio. Os resultados discutem espécies e gêneros frequentemente ligados às águas continentais, o que revela que os habitantes locais conheciam os ciclos ecológicos que ampliam as estratégias de exploração dos recursos locais. Modificações morfológicas em alguns espécimes indicam ainda a possível manufatura de instrumentos para pesca ou atividades relacionadas, como os espinhos Siluriformes com abrasão, ou também para fins ritualísticos, como os dentes de tubarão associados a sepultamentos, o que também mostraria que tais recursos tinham valor simbólico. Esses resultados caracterizam os modos de subsistência dos primeiros habitantes do litoral fluminense, um território que está atualmente ameaçado pela especulação imobiliária.

Em Minas Gerais, a perspectiva geoarqueológica na região cárstica dos Currais de Pedra, no artigo de Lilian Coel, Maria Jacqueline Rodet, Fabio Soares de Oliveira e Fabiano Érico Vieira de Souza, mostra como a geomorfologia diversificada local, composta por planaltos, depressões, abrigos e mirantes, dialoga com a ocupação humana, datada desde

o final do Pleistoceno. Combinada com fatores bióticos, essa paisagem apresenta uma geodiversidade extremamente favorável, em áreas que poderiam fornecer vantagens de visibilidade e abrigo ou solos férteis em fundos de vale e recursos hídricos não suscetíveis a sazonalidades. A partir de análises espaciais locais, o conhecimento gerado mostra-se relevante para a porção centro-norte de Minas Gerais e para o Brasil Central, podendo ser incorporado em discussões sobre os povoamentos mais antigos.

O artigo de Nicolle Guedes mostra que, no Sul do país, a análise da indústria lítica do sítio Floresta das Imbuías (PR), que apresenta uma ocupação muito recente, datada em 760 ± 30 AP, caracteriza um conjunto composto por pontas bifaciais e planos-convexos vinculados à Tradição Umbu. A coleção ainda apresenta fragmentos cerâmicos e artefatos polidos associados a populações ceramistas, resultado de ocupações contemporâneas de diferentes grupos na área. Essa suposta ocupação tardia de grupos Umbu, sugerida pela autora, mostraria uma longa persistência, provavelmente existente desde o Holoceno inicial. Destaca-se que a análise lítica desse sítio mostrou uma mudança na economia de matéria-prima, a partir da substituição do sílexito, exótico e mais frequente nessas indústrias, pelo quartzo coletado localmente.

No estado do Rio Grande do Sul, o sítio Afonso Garivaldino Rodrigues, analisado por Gabriela Mingatos e Mercedes Okumura e amplamente reconhecido por sua indústria lítica datada do Holoceno inicial ao médio, tem agora sua indústria osteodontoquerática caracterizada. Esse conjunto compreende artefatos em ossos e chifres, bem como adornos. Seguindo a estratigrafia e as datações associadas às camadas, a análise buscou compreender a produção desses instrumentos ao longo do tempo. Os resultados sugerem que, em um intervalo de aproximadamente cinco mil anos, não houve mudanças significativas dos tipos de artefatos perfurantes. Um dado extremamente relevante é que, durante o Holoceno inicial, notou-se uma maior presença de cervídeos de grande porte, cujas galhadas foram utilizadas para manufatura de pressores e ponteiros. Segundo sugerido, esse dado poderia ser um importante indicador de mudanças ambientais que, de alguma forma, alteram a disponibilidade de recursos faunísticos. Ressalta-se ainda que, dada a presença de pontas serrilhadas no mesmo contexto, esse artigo permite correlacionar as estratégias de manufatura de instrumentos, oferecendo uma compreensão mais ampla sobre uso de recursos e uma visão mais integrada sobre as dinâmicas dessas populações.

Consideramos que todas as contribuições aqui apresentadas são de grande relevância para um entendimento mais aprofundado sobre os grupos caçadores-coletores e o início da ocupação indígena no território brasileiro. As pesquisas abordam perspectivas diversas e contemplam vários aspectos relacionados à dinâmica de ocupação do espaço e à relação desses grupos com o ambiente. Expressamos nossos sinceros agradecimentos aos autores por suas colaborações, aos revisores anônimos e à equipe editorial da *Revista de Arqueologia* da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) pelo espaço concedido. Esperamos que esta publicação incentive a articulação e colaboração entre diferentes pesquisadores e que as discussões sejam frutíferas, mantendo o debate em constante renovação e ampliando o panorama sobre a ocupação de grupos caçadores-coletores na arqueologia brasileira.

Desejamos uma excelente leitura.

AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Processos nº 2017/20340-1, nº 2023/01972-8, 2024/19273-1 e 2026/05350-0 (Letícia Cristina Correa).

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Processo nº 2019/18664-9 (Astolfo Gomes de Mello Araujo).

Projeto Temático e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Bolsa Produtividade 302478/2022-1 (Astolfo Gomes de Mello Araujo).

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Chamada Universal 2023. Processo nº 408639/2023-7 (João Carlos Moreno)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) – Edital 14/2022 – Auxílio Recém-Doutor ou Recém-Contratado – ARD/ARC. Processo nº 23/2551-0000810-6 (João Carlos Moreno).

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Astolfo G. M. Geomorfologia e paleoambientes no leste da América do Sul: implicações arqueológicas. In: RUBIN, Júlio C. R.; SILVA, Rosicler, T (org.). *Geoarqueologia*. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2013. p. 135-180.

ARAUJO, Astolfo G. M. *et al.* A Tool for Inferences about the Past: The Interactive Map of Indigenous Archaeological Sites of the State of São Paulo. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 98, suplemento 1, e20251099, 2026.

ARAUJO, Astolfo G. M. *et al.* Human-environment interaction during the Holocene in Eastern South America: Rapid climate changes and population dynamics. *PLoS ONE*, v. 20, n. 2, e0315747, 2025.

ARAUJO, Astolfo G. M. *et al.* Interactive map of indigenous archaeological from sites from São Paulo state – Brazil. Zenodo. 2024. Disponível em: <https://zenodo.org/records/11116507>. Acesso em: 2 set. 2026.

ARAUJO, Astolfo G. M.; OKUMURA, Mercedes. Cultural Taxonomies in Eastern South America: Historical Review and Perspectives. *Journal of Paleolithic Archaeology*, v. 4, n. 28, 2021.

BATALLA, Nicolás, CORREA, Leticia C; ARAUJO, Astolfo G. M. Lithic Landscapes and Early Inhabitants in Southeastern Brazil: First Perspectives from a Case Study in Dourado, São Paulo State. *PaleoAmerica*, v. 5, n. 1, p. 44-61, 2019.

BATALLA, Nicolás, CORREA, Leticia C; ARAUJO, Astolfo G. M. New record of lithic blades in Brazil: The Picão site, São Paulo state. *Journal of Lithic Studies*, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2018.

CHELIZ, Pedro M. *et al.* Early human-Earth interactions and the initial peopling of the lowlands of southeastern South America (São Paulo, Brazil). *Revista Brasileira de Geografia Física*, v. 14, n. 6, p. 3736-3764, 2021.

CHELIZ, Pedro M; MORENO DE SOUSA, João C.; CORREA, Leticia C. A inserção da ocupação humana inicial (anterior a 8 mil anos) na paisagem geomorfológica e geológica do território paulista. In: LADWIG, Nilzo I.; CAMPOS, Juliano B. (org.). *Planejamento e gestão territorial: Arqueologia e direito ambiental*. Ponta Grossa: Atena, 2022. p. 1-24.

CHELIZ, Pedro M. *et al.* Early anthropic occupation and geomorphological changes in South America: human-environment interactions and OSL data from the Rincão I site, southeastern Brazil. *Journal of Quaternary Science*, v. 38, n. 5, p. 685-701, 2023.

CHELIZ, Pedro M. *et al.* Dinâmica geomorfológica, pedológica e ocupação humana inicial no vale do rio Moji-Guaçu no Pleistoceno tardio e Holoceno (São Paulo, Brasil). *Caderno de Geografia*, v. 34, n. 74, p. 142-184, 2024.

CORREA, Leticia C. *A variabilidade das indústrias líticas no interior paulista: uma síntese regional*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

- CORREA, Leticia C. *et al.* A arqueologia de grupos caçadores-coletores na região de Piracicaba: estado da arte e proposta de diferenciação interna da indústria Rioclarense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 42, p. 164-185, 2024.
- CORREA, Leticia C.; MORENO DE SOUSA, João C.; ARAUJO, Astolfo G. M. Estudo comparativo entre as pontas líticas do Sítio Carcará com a Indústria Rioclarense. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 20, n. 39, p. 242-259, 2023.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL – Iphan. *Cadastro de Sítios Arqueológicos*. Brasília, DF: Iphan, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/cadastro-de-sitios-arqueologicos>. Acesso em: 10 jul. 2026.
- MORENO DE SOUSA, João C. Rioclarense Culture Definition, Lithic Technology, and the Case of the Alice Boer and Caetetuba Sites (São Paulo State, Brazil). *PaleoAmerica*, v. 9, n. 2, p. 115-134, 2023.
- MORENO DE SOUSA, João C.; OKUMURA, Mercedes. A new proposal for the technological analysis of lithic points: Application for understanding the cultural diversity of hunter gatherers in Eastern South America. *Quaternary International*, v. 562, p. 1-12, 2020.
- MORENO DE SOUSA, João C.; OKUMURA, Mercedes. The association of Paleoindian sites from southern Brazil and Uruguay with the Umbu Tradition: Comments on Suárez et al. (2017). *Quaternary International*, v. 467, p. 292-296, 2018.
- OKUMURA, Mercedes; ARAUJO, Astolfo. G. M. Desconstruindo o que nunca foi construído: pontas bifaciais “Umbu” do Sul e Sudeste do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 20, p. 77-82, 2015.
- OKUMURA, Mercedes; ARAUJO, Astolfo. G. M. Fronteiras sul e sudeste: uma análise morfométrica de pontas bifaciais de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (Brasil). *Journal of Lithic Studies*, v. 4, n. 3, p. 163-188, 2017.